

## ASPECTOS PROJETIVOS DO GRAFISMO INFANTIL<sup>67</sup>

Kiara Elaine Santos da Silva

Ida Janete Rodrigues

Thiago de Almeida

“[...] Quando uma criança brinca, joga, desenha, faz histórias e outras coisas mais, revela sentimentos e pensamentos que desconhece, falando numa outra linguagem: a linguagem do desenho, do brinquedo, do jogo”<sup>4</sup>

*(Nadia A. Bossa, 2000, p. 106)*

**Resumo:** O mundo é repleto de comunicações, as mais diversas possíveis, e a criança manifesta sua visão do mundo, por meio do desenho; este que é uma de suas principais formas de interação com o entorno. Desde épocas remotas, o ser humano representa a realidade a sua volta por meio de representações pictóricas. Se antigamente o desenho não tinha qualquer relevância, ou seja, era visto como uma linguagem num sentido mais restrito, atualmente, por meio de pesquisas na área percebe-se que a procura por entender o grafismo infantil é uma forma de entender a própria criança e o seu emocional. Dessa forma, por meio do grafismo infantil, a criança pode manifestar algumas de suas emoções e revelar como ela interpreta seu entorno e as personagens que o compõe. Ao refletir o mundo, a criança abre-se para ele e é só por meio dessa interação da criança com o meio e vice-versa é que ela se desenvolve e conseqüentemente isso se vê revelado na maturidade dos seus desenhos. O objetivo desse estudo foi o de pesquisar como as crianças ocidentais do século XXI, apesar

---

<sup>67</sup> O presente trabalho apresenta um recorte da monografia de conclusão de curso de Psicopedagogia de um dos autores, intitulada “A simbolização da criança por meio da expressão gráfica”.

das muitas mudanças ocorridas em nossa sociedade, fazem para representar, de forma pictórica, o mundo a sua volta.

**Palavras-chave:** Crianças; Desenhos infantis; Grafismos infantis.

### *Introdução*

O mundo é repleto de comunicações, as mais diversas possíveis, e a criança por estar também inserida nesse meio faz-se perceber por meio do desenho; este que é uma de suas principais formas de interação com o mundo. No mundo infantil há várias incógnitas em que a criança tenta revelar de alguma forma, seja por meio de um olhar, atitude ou postura ou mesmo através de uma simples representação gráfica, como, por exemplo, quando ela desenha.

Por meio do grafismo infantil, a criança pode demonstrar algumas das suas emoções e revelar as leituras que faz do mundo que o cerca e dos personagens que o compõe, sobretudo, das pessoas que convive mais diretamente. Ao refletir o mundo, a criança abre-se para ele e é só por meio dessa interação da criança com o meio e vice-versa é que ela se desenvolve e conseqüentemente isso se vê revelado na maturidade dos seus desenhos.

O objetivo primordial deste trabalho é mostrar que a criança tem uma forma distinta de se comunicar que difere do adulto, e o desenho é o espelho emocional da criança, sendo assim de suma importância, pois, entender o desenho da criança é descobri-la por completo.

#### *O desenho da criança e sua importância*

De acordo com Ferreira (1999, p. 648) o termo desenho é a “representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas, com objetivo lúdico, artístico, científico, ou técnico. A arte e a técnica de representar, com lápis, pincel, etc., um tema real ou imaginário, expressando a forma”. Esta definição é citada com muita objetividade, mas que, para a criança não deixa de ser mágico. Desenho, primeira manifestação da escrita humana, continua sendo a primeira forma de expressão usada pela criança.

O desenho infantil já era observado há cerca de cem anos. O italiano Corrado Ricci, em 1887, levantou a questão: o que de tão especial há num desenho infantil? Seu interesse o fez estudar sobre tal assunto, mas ele não foi o único e através de seu libreto publicado em 1887 “A arte das crianças pequenas”, seu interesse foi difundido.

Há séculos atrás a criança era vista como uma miniatura do adulto e sua expressão gráfica nunca haviam sido valorizadas, pois era considerada imperfeita, inferior a dos adultos. Mas Rousseau (1712-1778) veio dissipar essa idéia, pois considerava a infância uma etapa distinta e importante do desenvolvimento em direção à idade adulta. Segundo Rousseau “a criança é uma criança, não um adulto”.

Com esse pioneiro surge uma nova visão do desenvolvimento da criança, ela passa a poder demonstrar seu prazer e interesse em desenhar e expressar o que sente mesmo que inconscientemente, sendo assim, seus feitos ganham vivacidade por representar também o que ela conhece de mundo. "Garatujas", "girinos", "sóis", desenhos "transparentes", estão cada vez mais próximos da forma que se pode chamar de "real", são as representações de como a criança lê o mundo, enxerga a vida, expressa o que sente. Sendo o desenho uma grafia de livre expressão, surgem alguns questionamentos: Por que proibir a criança de se expressar graficamente da forma como ela consegue? Como o modelo influencia o desenho da criança?

Afinal, é através do desenho livre que a criança desenvolve noções de espaço, tempo, quantidade, seqüência, apropriando-se do próprio conhecimento, que é construído respeitando seu ritmo. E tendo essa concepção de respeito ao ritmo individual de cada criança que as escolas e creches são alicerces para estimular as crianças no desenhar, pois os profissionais acreditam que essa atividade artística é parte importante para o desenvolvimento infantil e conhecimento dos alunos.

O desenho tem uma função social desde a antiguidade, visto que, sua exposição revela muitas coisas até então não conhecidas, é uma comunicação sem letras ou palavras, mas visual. A criança toma posse do conhecimento mediante a sua representação. Seja, no início,

por meio de garatujas até um esquema corporal mais elaborado, cada desenho da criança reflete um estágio de desenvolvimento. Segundo Derdyk(2003, p. 10):

“A criança é um ser em contínuo movimento. Este estado de eterna transformação física, perceptiva, psíquica, emocional e cognitiva promove na criança um espírito curioso, atento, experimental. Vive em estado de encantamento diante dos objetos, das pessoas e das situações que a rodeiam. A descoberta vem mesclada com o desejo de posse, como se proclamasse: O QUE É MEU É EU.”

E se o desenho revela um estágio do desenvolvimento da criança, o mesmo pode ser dito em relação ao progresso do desenho propriamente dito, pois mediante o crescimento dela, o seu desenho também evolui a olhos vistos. Se a princípio a criança apenas experimenta muito mais do que expressa (por volta dos dezoito aos vinte e quatro meses), o mesmo não acontece à medida que esta cresce; pois o desenho ganha outro aspecto, ou seja, o de não só representar o que para ela é o real, como também se transforma em um jogo.

A criança utiliza-se de materiais diversos para se expressar e em superfícies distintas. Para tanto, ela desenha no papel, mas na falta dele, utiliza-se da terra, areia ou até mesmo a parede; se não tiver lápis, utiliza-se de um pedaço de tijolo, pedra, giz de lousa ou uma lasca de carvão; tudo com o intuito de registrar seus gestos e sua maneira de ver a vida.

O desenho representa, em parte, a mente consciente da criança, mas também, é uma forma interessante de fazer uma conexão com o inconsciente, portanto essa manifestação da criança está repleta de simbolismo e mensagens. Ao pensar na questão do modelo, percebe-se que a criança ao desenhar, na realidade, está expondo o seu “mundo real” para os demais, como ela o vê e sente. O desenho manifesta o desejo da representação, mas também o desenho, antes de tudo, é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial.

A criança, no início, ou seja, sem a apresentação de desenhos estereotipados, acaba por apresentar uma visão da realidade mais natural, sem o contágio do social, porém isso também acarreta desenhos mais pobres graficamente falando. Levando isso em

consideração, o fato da criança estar inserida no meio, auxilia para que ela esteja em contato constante com essa leitura de imagem e desenvolva, por sua vez, seu desenho.

Ao perder essa inocência no desenho, a criança, na realidade, acaba por adquirir conhecimento, em contrapartida, ela passa a representar a realidade a mais próxima possível da perspectiva adulta. Portanto, o desenho enquanto linguagem reflete uma postura global, assim desenhar não é copiar formas, figuras, não é simplesmente proporção, escala. Assim a visão parcial de um objeto nos revelará um conhecimento parcial desse mesmo objeto. Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, idéias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se.

Já dizia Luquet (1969), que “a fase áurea do desenho infantil é o realismo intelectual, ou seja, quando a criança desenha o que ela sabe e conhece do objeto e não o que ela vê”. Tomando o autor citado como base para a observância do desenho da criança, fica claro que não só o seu estudo, mas tantos outros relacionados ao tema partem de uma teoria evolucionista, ou seja, que usa a interação entre a filogênese<sup>68</sup> e a ontogênese<sup>69</sup> para explicar a psicogênese<sup>70</sup> humana. Portanto, o que se pode observar dessa primeira impressão do desenho infantil é que ele muito se assemelha à arte moderna porque nele também está incutido esse impulso, essa liberdade em mostrar a “realidade íntima do indivíduo, sem se ater a estereótipos”. Então como querer que a criança use símbolos gráficos estipulados pelo adulto, que são as letras, se ela não elaborar sua idéia usando símbolos que ela conhece? Ou seja, utilizando-se do desenho – grafismo infantil.

#### *Piaget, Vygotsky e o desenho*

Podemos refletir sobre os posicionamentos que levam ao desenvolvimento da criança tendo como base a teoria de Piagete seu sucessor, Vygotsky, que tem um aparato mais social. Esses pesquisadores de linhas tão proximais e desenvolveram a expressão e sentido do desenho na vida da criança. Se para Piaget, as crianças individuais constroem conhecimento através de suas próprias ações: entender é inventar; para Vygotsky, a

---

<sup>68</sup> Evolução da espécie.

<sup>69</sup> Evolução do indivíduo.

<sup>70</sup> Desenhos com o intuito de definir a estrutura mental da criança.

compreensão perpassa pelo contraste social. Embora Piaget nunca tivesse negado o papel da igualdade social na construção do conhecimento, esboçando inclusive que a individualidade e o social são importantes, foi seu sucessor que realmente fundamentou toda a sua teoria no social, ou seja, a criança antes de tudo era um ser social.

Para Piaget, a criança passa por fases do desenvolvimento, sendo cada qual com sua característica, não sendo uma regra, mas um embasamento para entender o desenvolvimento infantil. Os estágios de Piaget colocam a tônica na função intelectual do desenvolvimento. Ele não nega a existência e a importância de outras funções, mas delimita e especifica o campo da sua investigação ao domínio da epistemologia genética. Esses estágios são evoluções seqüenciais, tanto motoras quanto intelectuais. Os estímulos auxiliam a essa evolução que proporcionará seu avanço cognitivo. Portanto, se para Piaget o desenvolvimento do cognitivo se dá pelo conhecimento epistemológico, Vygotsky vem complementar a teoria de seu mestre ao valorar o papel do social na evolução da criança e, portanto no envolvimento de tudo aquilo que a cerca, como por exemplo, o desenho.

Ao pensar nas fases de desenvolvimento de Piaget, pode-se observar que as crianças até dois anos só fazem riscos, sem qualquer sentido, porque para a própria criança isso não tem nenhum significado.

Desenhada por J. A., aos 19 meses.<sup>71</sup>

Por volta dos três anos, o significado que antes era inexistente, passa a apresentar-se, por conta do sentido dos riscos na horizontal, vertical, espirais, círculos, porém a criança ainda não é capaz de nomeá-lo.

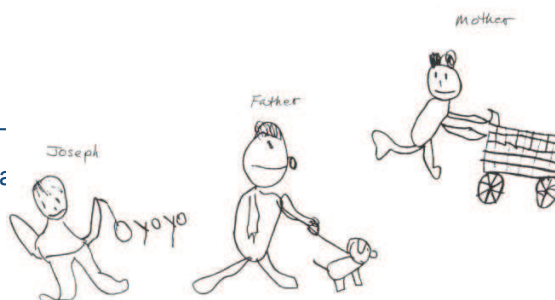
Rabiscos em espiral.<sup>72</sup>

É só por volta dos quatro anos que a criança começa a perceber e, portanto projeta nele toda a sua afetividade e sua própria realidade e neste momento que o



<sup>71</sup> DI LEO, 1991, p. 143.

<sup>72</sup> COX, 2001, p. 190.



seu desenho ganha um status compreensível para o adulto. Nesta fase a criança deixa de lado a sua “inocência” primeira e passa a ser contagiada por outras realidades que não somente a dela; assim o social se abre mais claramente para a criança e é também nesta situação que a teoria de Piaget dá lugar para Vygotsky que vem ressaltar esse social, apresentando a criança como um ser social e que, portanto tudo que está ao redor dela faz parte dessa nova realidade na qual ela sempre esteve inserida, mas que só agora se dá conta. Neste momento, os modelos são mais ressaltados porque eles refletem a realidade da criança mais compreensível para o adulto e sem aquela inocência vista nas fases iniciais do desenvolvimento de Piaget (LIMA, 2000).

Desenhada por menino de 8 anos. Ele está brincando com ioiô. O pai passeia com o cachorro. A mãe, com seu carro de compras, providencia comida (amor).<sup>73</sup>

Portanto, a criança ao desenhar reflete essa constante mudança e evolução. Assim, se inicialmente, os desenhos representam formas ditas “abstratas”, conforme o contato com a sociedade essa idéia é deixada de lado, mediante a forma como o desenho se apresenta agora, com realidades mais características e compreensíveis pelos adultos.

Dessa forma, ao desenhar, a criança coloca no papel sua vida, suas emoções e consegue transpassar também a função social do desenho que vem se apresentar como uma forma de comunicação tão importante quanto a linguagem escrita para os adultos.

#### *A transferência no desenho*

A interpretação do desenho da criança tem como fundo a busca por significados. É uma ligação do que já é conhecido da realidade da criança e o que ela quer transmitir (BÉDARD, 1998). Quando o vínculo é estabelecido se torna mais fácil de obter resultados no que se pretende alcançar. Por meio de seus desenhos, a criança nos revela o que se esconde, como, por exemplo, sua questão emocional desconhecida até por ela mesma (CAMPOS, 2000).

---

<sup>73</sup> DI LEO, 1991, p. 131.



Desenhado por menino de 7 anos e 7 meses. Hospitalizado para tratamento de anorexia.<sup>74</sup>

Mas, ao pensar, em uma análise do grafismo infantil faz-se necessário que se tome como base a importância do papel da criança que é primordial para esse estudo. No ato do desenho, a criança se revela oralmente e isto pode ser utilizado como uma chave para a compreensão do que seu inconsciente pretende revelar. Porém, melhor que a fala, os desenhos expressam por si mesmos delicadezas do intelecto e afetividades, aspectos sutis que são perceptíveis e que estão ao mesmo tempo além do poder ou liberdade condicionada pela comunicação verbal.

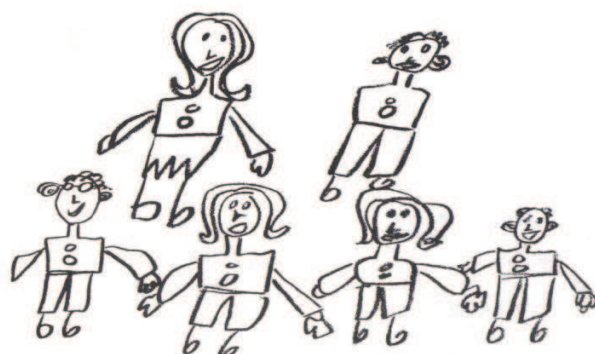
Assim, se o grafismo infantil é a expressão pessoal da criança o mesmo pode ser refletido quanto ao significado dado a ele, algo individual e intransponível. Deve-se levar em consideração também à idade e o nível de desenvolvimento em que a criança se encontra porque esta subdivisão vai refletir a maturidade do grafismo infantil e determinados conhecimentos, o que facilita na análise.

A criança, mesmo que inconscientemente, utiliza-se no ato do desenho de uma simbologia dos mais gerais e efetivos meios de comunicação e que só adquirirão um significado específico quando observado no contexto da história pessoal da mesma. As aparições constantes de determinados símbolos serão de grande auxílio para uma posterior análise, pois a repetição leva o observador a reavaliar o real significado dessas aparições no desenho da criança, podendo ter relação com algo marcante e/ou mesmo traumatizante, ou seja, tentando refletir o obscuro emocional.

Quando observado a fase de desenvolvimento em que a criança se encontra, outros tantos dados são levados em consideração para uma análise mais profunda do seu grafismo infantil, desde a presença e/ou ausência de partes da figura humana até a estrutura de distribuição do desenho no papel que denotam

---

<sup>74</sup> DI LEO, 1991, p. 169.





questões importantes sobre a criança e podem ter um significado conceptual ou afetivo. Desenho da família, por menino disléxico de 7 anos e 10 meses. A figura sem braços é seu permissivo pai. Macho e fêmea são distinguidos pelos seus cabelos.<sup>75</sup>

### *Conclusão*

Ao ressaltar a importância do grafismo infantil buscou-se demonstrar que ele reflete a própria criança. Sendo ela, um ser em constante transição e com emoções a olhos vistos. Suas emoções, dificuldades, anseios, prazeres se desencadeiam sem mesmo que ela perceba e com um simples papel e lápis a criança esboça o seu íntimo da forma mais inocente, revelando assim um pouco do seu mundo. A influência que a sociedade exerce sob a criança, determina sua própria representação gráfica dependendo do seu contexto e de suas experiências, pois se há um mediador entre o mundo real e o imaginário infantil, esse é o desenho.

O desenho torna-se também um refúgio quando lhe faltam palavras, o desenho se torna a fonte. Neste artigo sugere-se que o desenho é um instrumento importante que auxilia numa nova visão sobre a criança, e sua contribuição na questão de se tornar revelador ao ajudar profissionais a conhecer a criança e poder auxiliá-la sendo no aspecto afetivo, emocional e intelectual.

Por meio do desenho, a criança pede, delata, informa tudo que sente, sabe e vê e essa ferramenta facilita a compreensão de profissionais no que envolve uma criança em questão. E esses aspectos só se desencadeiam com a relação que a criança estabelece com o meio, sendo uma ligação orgânica e social, além de auxiliar os profissionais a pensarem a criança como um ser integral, completo. A criança quando madura emocional, cognitiva, afetiva e socialmente, reflete também este amadurecimento no grafismo infantil.

Um desenho maduro favorece detalhes, cores, traços que demonstram com mais clareza o que há por trás do que se vê. Portanto, ao pensar na criança como um ser social, ou

---

<sup>75</sup> DI LEO, 1991, p. 122.

mesmo sob um enfoque grupal, dá-se a oportunidade de pensá-la também à luz da liberdade. Liberdade por meio da única comunicação que a reflete por inteiro, o desenho.

### Referências

BOSSA, N. A. **Dificuldades de aprendizagem** – O que são? Como tratá-las? Porto Alegre, Editora Artmed, 2000.

BÉDARD, N. **Como interpretar os desenhos das crianças**. 2. ed. São Paulo: Isis, 1998.

CAMPOS, D. M. S. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade**: Validade, técnica de aplicação e normas de interpretação. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

COX, M. **Desenho da criança**. 2. ed. Tradução de E. Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2003.

DI LEO, J. **A interpretação do desenho infantil**. 3. ed. Tradução de M. N. Strey. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio** - Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1999.

LIMA, L. O. **Piaget**: sugestões aos educadores. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

LUQUET, G-H. **O desenho infantil**. Porto: Ed. Minho, 1969. (original publicado em 1927).